

A poesia de Augusto Branco em diálogo com
grandes pensadores da humanidade

Ou

FILOSOFIA POÉTICA DO DIREITO

AUGUSTO BRANCO E DAIANA HUFF

Obra: Filosofia Poética do Direito

Ano: 2025

Edição: 1

Editora: Clube de Autores

Autores: Augusto Branco e Daiana Huff

Edição, revisão e ilustrações: Augusto Branco

Todos os direitos reservados

*Há muito tempo, na antiga Jerusalém,
o sistema jurídico vigente condenou à crucificação um
homem inocente.*

*Mais de dois mil anos depois,
com todos os avanços alcançados,
é muito triste que a Justiça continue errando.*

Augusto Branco

Prefácio

A trajetória de Augusto Branco como poeta se confunde com a busca incessante por respostas às grandes questões da existência humana. "Filosofia Poética do Direito" é uma coletânea que reúne alguns de seus pensamentos e poemas mais impactantes, onde o autor mescla ironia, crítica e uma sensibilidade ímpar para desnudar as estruturas que sustentam nossas sociedades. Em um estilo único, Branco nos guia por uma análise profunda e, por vezes, desconcertante da realidade.

Os poemas aqui reunidos são um reflexo da dualidade humana: ao mesmo tempo que revelam nossa fragilidade, expõem a força e a coragem necessárias para enfrentar os desafios que nos são impostos. Em cada verso, há uma provocação, uma pergunta não respondida, uma verdade incômoda que nos força a refletir sobre quem somos e para onde estamos indo.

Branco não nos oferece respostas fáceis, mas nos instiga a questionar, a pensar criticamente e a agir de acordo com nossos valores mais profundos. Em tempos de incerteza e mudança, "Filosofia Poética do Direito" é um lembrete poderoso de que a verdadeira transformação começa dentro de cada um de nós. É uma obra que merece ser lida e relida, discutida e vivenciada, pois nela encontramos não apenas um retrato de nossa época, mas um mapa para um futuro mais justo e humano.

Augusto Branco estabelece um diálogo dinâmico com grandes pensadores da humanidade, como Hans Kelsen, John Rawls, Immanuel Kant, Friedrich Nietzsche e Michel Foucault. Sua poesia questiona e complementa as teorias desses filósofos, oferecendo uma visão aprofundada e intrigante sobre valores como a moral, a ética, a verdade e a justiça. Branco desafia a pureza normativa de Kelsen, confronta a teoria da justiça de Rawls com a crua realidade social, e ecoa a crítica kantiana à hipocrisia moral, tudo isso enquanto questiona a relatividade nietzschiana da verdade e a construção foucaultiana do poder.

A abordagem de Branco é inusitada e enriquecedora, pois traz a filosofia do Direito para o terreno da experiência humana vivida, onde as abstrações teóricas encontram os dilemas cotidianos. Seus poemas são um convite a repensar a aplicação prática dos conceitos filosóficos, mostrando como as ideias de grandes teóricos se desdobram em nossa realidade imperfeita e, muitas vezes, injusta. A poesia de Branco não apenas ilumina as lacunas das teorias clássicas, mas também oferece novas perspectivas para uma compreensão mais humana e inclusiva do Direito e da justiça.

Daiana Huff

Guerras e Violência	9
Costumes	19
Moral	29
Ética	43
Verdade	59
Justiça	67
Direito	81
Política	93
Diversidade	101
Igualdade Social	109
Liberdade de	123
Meio Ambiente	131
Tecnologia e Inteligência Artificial	139
Felicidade	149
Poesia	157

ΠΟΛΕΜΟΙ ΚΑΙ ΒΙΑ



108

Toda guerra é estúpida.
A guerra é o atestado maior
do primitivismo humano
e da incapacidade, senão da vileza,
de quem a promove.

109

Não merece meu respeito, nem de ninguém,
todo o mérito científico e intelectual
de uma nação que em pleno século XXI
mantém seu poder e riqueza
às custas do terror, da guerra, da opressão
e do sangue de outras nações invadidas
e de seus próprios cidadãos.

110

Que o homem jamais encontre
uma forma saudável de eliminar a dor.
É a dor que move a compaixão
e a fraternidade entre os homens.
E mesmo com ela
há bastante crueldade e desamor.

111

Não se faz guerra pela paz,
pacifica-se pela paz.

112

O sangue das vítimas do Holocausto
não pode ser usado
para justificar o derramamento de sangue
de mais pessoas inocentes.

113

O Governo de Israel
precisa ser freado em suas ações de vileza e tirania,
ou o mundo verá um filme muito cruel a se repetir,
mas desta vez com os palestinos no lugar dos judeus,
e os judeus no lugar dos nazistas.

114

Sempre que um homem se acovarda,
ele perde sua paz interior,
diminui-se diante de si mesmo,
e agiganta o opressor.

115

Aquele que usa da força física é um fraco.
O homem forte, de verdade,
faz uso do amor e da razão.

116

É mais fácil para uma pessoa
agredir verbalmente ou fisicamente,
do que dizer 'eu te amo'.

O ser humano é um animal que odeia.
Fica eufórico e se regozija com a violência,
mas fica pálido, trava e emudece
ante o perdão, a paz e o amor.

117

O apreço por espetáculos de luta
com extrema violência
é apenas mais um lembrete
de que precisamos evoluir bastante
para que possamos nos assemelhar aos macacos.

118

Não pode falar em Direitos Humanos
um país que pratica a pena de morte.
A vida é o maior de todos os direitos do homem.

119

Se todas as batalhas dos homens
se dessem apenas nos campos de futebol,
quão belas seriam as guerras.

120

Para que a humanidade conheça a paz,
a fraternidade, e o pleno desenvolvimento
de sua inteligência,
é imperativo um rompimento
com todo o sistema social existente.
É preciso pôr um fim a esta Era de Ilusões.
As mentiras seculares são a base de todo conflito,
confusão e atraso de nossa civilização.

121

A ambição, o egoísmo e a violência de poucos
atuando sobre o medo e alienação de muitos:
esta é a receita das guerras e dos governos.

Apenas uma civilização mais consciente e corajosa
poderá vivenciar uma realidade
de liberdade, igualdade e fraternidade.

121.1

Se os países colocarem em sua legislação
que os presidentes que declarem
guerra a outra nação
devem ir na linha de frente para o campo de batalha,
então todos os governantes do mundo
se converterão em homens de paz.

121.2

Não importa qual seja o pretexto
utilizado para o conflito,
a verdadeira motivação dos senhores
que promovem a guerra
é simplesmente matar para roubar.

A Guerra como Fratura Civilizatória: Diálogos entre Augusto Branco, Fanon, Weil e Clausewitz

A poesia de Augusto Branco é um grito contra a violência estrutural que permeia a história humana. Seus versos, ao denunciar a guerra como "atestado maior do primitivismo humano" (poema 108), ecoam e desafiam pensadores como Frantz Fanon, Simone Weil e Carl von Clausewitz, cujas reflexões sobre violência, poder e ética iluminam as contradições da condição humana.

Para Clausewitz, a guerra é um instrumento político, uma "continuação da política por outros meios". Branco, porém, inverte essa lógica: "não se faz guerra pela paz, pacifica-se pela paz" (poema 111). Se o teórico militar vê a guerra como racionalidade estratégica, o poeta a enxerga como irracionalidade moral, fruto de uma civilização que ancora seu poder em "mentiras seculares" (poema 120). A crítica de Branco à hipocrisia de nações que instrumentalizam a ciência e a riqueza para oprimir (poema 109) confronta a visão clausewitziana, expondo a guerra não como cálculo, mas como síntese da "ambição, egoísmo e violência de poucos" (poema 121).

Frantz Fanon, ao defender a violência revolucionária como meio de libertação colonial, parece divergir radicalmente de Branco, que condena qualquer

derramamento de sangue, inclusive aquele justificado por traumas históricos, como o Holocausto (poema 112). No entanto, há um ponto sutil de convergência: ambos denunciam a desumanização sistêmica. Quando Branco adverte que os oprimidos podem se tornar opressores (poema 113), ecoa Fanon, que alertou sobre os riscos de replicar a violência do colonizador. A diferença está na saída: para Fanon, a violência é catarse necessária; para Branco, é perpetuadora de ciclos. O poema 114, diz que é necessário coragem para não se acovardar diante do opressor, dialoga com a noção fanoniana de resistência, mas insiste que a verdadeira força está no "amor e na razão" (poema 115), não na força física.

Simone Weil, com sua ética da compaixão, aproxima-se do poeta. Weil via a guerra como mecanismo que reduz seres humanos a coisas, anulando a capacidade de "atenção" ao sofrimento alheio. Branco, ao afirmar que a dor é necessária para mover a fraternidade (poema 110), ressoa a ideia de Weil de que o reconhecimento da vulnerabilidade alheia é fundamento ético. Ambos criticam a fascinação pela violência: Weil condenava a glorificação da força, enquanto Branco ironiza a euforia humana com espetáculos brutais (poema 117), vendo neles sintomas de um primitivismo a ser superado.

O sistema social vigente é alvo comum. Branco defende um "rompimento com todo o sistema" (poema 120), propondo uma civilização consciente que substitua a "Era de Ilusões" por fraternidade. Weil, que sonhava com uma sociedade baseada no bem comum, e Fanon, que imaginava uma humanidade descolonizada,

compartilham essa urgência por transformação radical. A sugestão irônica de Branco de que líderes bélicos deveriam ir à linha de frente das guerras (poema 121.1) sintetiza sua crítica à desconexão entre poder e consequência, tema caro a Weil, que via na burocracia da guerra uma alienação da responsabilidade individual.

Em síntese, a poesia de Augusto Branco constrói uma ponte entre a denúncia materialista de Fanon, a ética compassiva de Weil e a desconstrução da racionalidade belicista de Clausewitz. Seu pacifismo não é ingênuo (Branco é irônico, desconfiado e muitas vezes pragmático), mas um chamado a reinventar as bases da civilização — não pela força, mas pela coragem de enfrentar as ilusões que nos tornam prisioneiros de nossa própria violência, e isto deve ser feito a partir de uma maior conscientização individual.